

O Esclarecimento como História do Progresso do Saber: Um diálogo conflitante entre as filosofias de G. W. F. Hegel e T. W. Adorno

Me. Artur Rodrigo Itaquí Lopes Filho
Doutorando em Filosofia – PUCRS
Professor de Filosofia – FURG

RESUMO

A filosofia de G. W. F. Hegel propõe ao pensamento filosófico ocidental moderno uma justificativa apaziguadora dos conflitos teóricos vividos até então ao apresentar a história do saber humano como um caminho ascendente rumo ao seu esclarecimento. Descrito de maneira sistemática, a teoria de ascensão do espírito proposto pelo autor nos permite entender a história do saber como um processo dialético que atende a um fim último ideal: o revelar da universalidade do ser. Essa teoria acaba sendo confrontada por T. W. Adorno ao questionar o processo de esclarecimento vivido pela sociedade moderna ocidental, em especial aquele observado pelo autor nos anos que este vivera nos EUA. O esclarecimento moderno, segundo o pensamento de Adorno, promoveria um verdadeiro engodo ao negar sua negatividade diante a positividade de suas conquistas. O iluminismo moderno teria cegado seus membros deixando com que a humanidade vivesse apenas as glórias de suas conquistas, acabando assim com a proposta dialética *hegeliana* ao abandonar a negação, tão necessária para que o pensamento seja transformado. Sendo assim, o presente trabalho pretende apresentar o pensamento de G. W. F. Hegel e confrontá-lo com a crítica de T. W. Adorno com o objetivo de entender o esclarecimento como parte central de uma crise que poria em xeque o sistema dialético *hegeliano*.

Palavras-Chave: G. W. F. Hegel; T. W. Adorno; Iluminismo; Esclarecimento; Dialética.

1. A RAZÃO E A RACIONALIDADE NO PROGRESSO DA HISTÓRIA

Seguindo a lógica do pensamento de Hegel, a busca por responder a razão que orienta a manifestação do ser no mundo fenomênico seria, por princípio, o trabalho magno do filósofo. Para tanto, seria necessário que o mesmo devesse entender o ser manifesto não enquanto objetos isolados dotados cada qual de um ser próprio, isto é, com uma essência própria isolados uns dos outros, dotados de algo que por consequência os descreveria essencialmente como unos. O filósofo deveria por sua vez entender cada objeto isolado no mundo fenomênico como fragmentos dispersos que refletem em sua manifestação a essência do Todo universal, possibilitando assim, o desvelar da essência ímpar de todo o conjunto que constitui a vida, o mundo e toda a existência em sua complexidade.

Tal lógica nos leva a entender a filosofia de Hegel como um complexo que assume uma tamanha pretensão somente vista até então nos clássicos autores e correntes teóricas da tradição metafísica grega e religiosa/medieval. Ao pensarmos na possibilidade de alcançarmos o universal através do particular, entendemos a pretensão do autor em promover uma busca por uma razão final que enfim justifique todo o processo que constitui o complexo da existência fenomênica, enfim, solucionando o mistério primeiro que instigou a mente de inúmeras civilizações no discorrer da história da humanidade: *qual a razão de nossa existência?*

Ao observarmos a história da humanidade assim como a história do saber humano (história da filosofia), encontramos inúmeras tentativas de responder essa difícil questão. Os povos primitivos ao se depararem com o mistério de sua existência, assim como com a falta de respostas diante a magnitude do mundo que os cercava, acabavam por recorrer a imaginação para saciar a necessidade de respostas, afastando assim o temor do desconhecido e, ao mesmo tempo, desenvolvendo um princípio de poder de domínio sobre o meio no qual o mesmo se encontrava. Ao explicar o mundo, o homem primitivo entendia não somente a causa de sua existência, e sim, mais importante ainda, ele entendia a razão pela qual a sua vida se desenvolvia.

O desígnio estabelecido por uma força maior saciava o homem primitivo da necessidade por saber os *porquês* referentes a sua existência. Ao lermos um mito, lenda ou estória que revela a origem de um povo (ou de todos os povos), como exemplo a gênese da humanidade presente no velho testamento da Bíblia Sagrada, encontramos aí uma clara manifestação da necessidade do homem em responder o mistério de sua existência, a razão que por fim responderia o porquê de seu povo viver sobre tais leis, necessidades e princípios. Seguindo a lógica da filosofia *hegeliana*, a busca por respostas nos revela algo essencial referente ao ser universal presente em toda a humanidade e possível de ser observado no discorrer de sua história: a busca por respostas.

Ora, se o ser humano é uma criatura que anseia por esclarecer o fato de sua existência, assim como a verdade sobre tudo aquilo que o cerca, o ser humano, enquanto ser racional busca, por princípio, a razão universal (razão esta que, por princípio seria sua causa e igualmente o orientaria rumo a cumprir o seu desígnio). Essa busca, segundo Hegel não corresponde a uma busca despreziosa, mas sim, reflete a própria ação do ser em se auto-revelar para assim poder se desenvolver, Isto é, cumprir o seu desígnio.

Esse complexo desdobramento do ser enquanto manifestação racional demanda uma atenção especial para podermos assim avançar em nossas pesquisas. Primeiramente entendemos que o ser manifesto, segundo Hegel, é um fragmento que carrega em sua essência o universal, algo que revela a sua razão para além de sua mostra fenomênica. Essa razão estaria para o ser manifesto como um desígnio ou um “vir a ser” que transcende o querer do ente fenomênico. Para revelar a razão do ser do ente manifesto, seria necessário encontrarmos aquilo de comum manifesto em todos os objetos isolados no mundo fenomênico, isto é, encontrar o universal expresso no particular.

A esse universal expresso nós chamamos de Espírito, não pelo fato de ser algo que constitui todo o ente particular, mas sim pelo fato deste ser a manifestação do desígnio universal revelado no ente particular. Portanto, podemos entender o Espírito como o ser universal que constitui a essência do ente particular manifesto no mundo fenomênico. Apesar de toda a explicação até então apresentada, uma questão por deveras essencial acaba por ser desdobrada desse processo de desvelar das bases da filosofia de Hegel: *O que constitui o Espírito do ente manifesto?*

Ainda que o Espírito possa ser explicado como a manifestação do universal no particular (ente manifesto), ainda nos resta investigar, portanto, qual a razão que por fim, explicaria o “vir a ser” do ente manifesto. E é aí que encontramos um princípio problemático na filosofia de Hegel.

Se para alcançarmos o universal cabe ao filósofo desvelar no particular o ser universal que nele se manifesta, o universal que Hegel acaba por encontrar em todo o processo de desenvolvimento da história da humanidade é a busca do sujeito por saciar a resposta pelo mistério daquilo que constitui o todo que o cerca, inclusive o de sua existência. Então, de maneira resumida, a ânsia por esclarecimento, segundo o autor, constitui aquilo que há de comum em cada ente manifesto, isto é, o universal presente no particular. Esse universal reflete a busca pelo desvelar das verdades do homem e do mundo, sua razão ou desígnio maior, enfim, o Espírito que busca se auto-revelar. Assim escreve o autor: “O espírito é aquele que conduz a verdade e conhece todas as coisas, penetrando no âmago da Divindade.” (HEGEL, 1995, p.20).

A dificuldade de compreendermos o Espírito está no complexo processo quase circular de sua definição. O Espírito move o ente manifesto a buscar a razão universal que nele se manifesta e essa razão é a sua própria ânsia por esclarecimento. O desígnio comum aos entes particulares se encontra na manifestação da busca por respostas a sua existência (assim como a do todo que o cerca), algo que beira a um processo sem fim e

aparentemente sem um sentido maior. Mas Hegel não deixa sua lógica perecer frente a essa pequena barreira.

O ente manifesto em sua particularidade anseia responder o mistério de sua existência, e a chave que por ventura viria a desvelar o até então desconhecido seria iluminada pela racionalidade humana. A busca pelo esclarecimento da razão de sua existência corresponderia diretamente ao objetivo primário possível de ser observado no decorrer da história da humanidade como um todo, na qual as possíveis respostas desveladas em meio ao processo histórico constituem fragmentos empíricos (dados historicamente) do desígnio universal presente no ente particular. Enfim, a ação do espírito que anseia pelo seu esclarecimento.

Contrariando a subjetividade de muitos pensadores que podem vir a afirmar diante ao processo de esclarecimento humano que: *o homem encontra inúmeras respostas acerca do mistério da sua existência durante o caminhar de sua história*, para Hegel, se encontra aí uma verdadeira falácia. O que a história nos revela de fato, seguindo a linha de raciocínio do autor, seria o constante processo de busca por esclarecimento que encontra, ora que outra, respostas, mas que de fato saciam a ânsia humana por respostas plausíveis em um determinado período, se revelando, futuramente, passíveis a novos questionamentos.

Para melhor entendermos podemos pensar no exemplo da *providência* divina tão difundida no período medieval da história da humanidade. A ânsia por responder a questão essencial de sua existência, isto é, a busca por esclarecer a razão de sua existência acaba por levar a humanidade a desenvolver possíveis reflexões e questionamentos que despertam nele prováveis respostas que saciam momentaneamente sua ânsia, e suprem temporariamente a busca do Espírito. A exemplo da providência divina, Deus seria a representação do ser que anseia ser reconhecido pelo ente manifesto, que ao nomeá-lo e reconhecer Nele não somente a causa, mas a razão de toda a existência, sacia a ânsia por esclarecimento (um auto-revelasse). Nesse caso, o ser humano reconheceria Deus como a força que o impulsiona, atribuindo toda e qualquer ação, evento natural ou independente (não-idealizado) como reflexo de uma espécie de querer maior, uma *providência* que não caberia questionamento.

Mas ao tratarmos da *providência* como uma determinação oriunda de uma força tal que enfim justificaria todo e qualquer evento como um querer maior onde não caberiam demais questionamentos, o ser que anseia por esclarecer o seu mistério (dizer

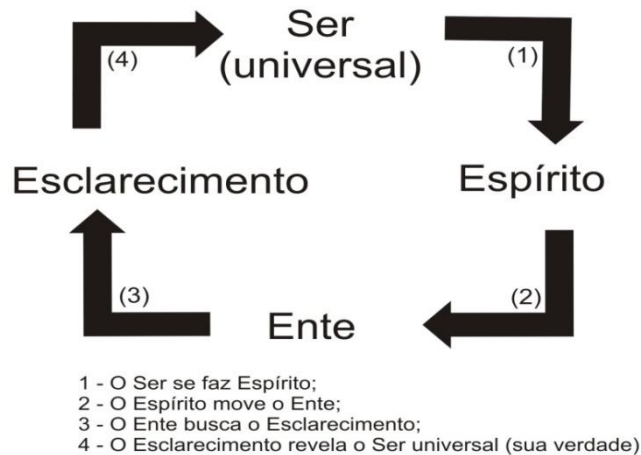
a si mesmo), encontraria seu fim na existência de um ser maior, um Deus exterior. Vejamos as palavras de Hegel:

Na história universal, lidamos com indivíduos, que formam povos, e com totalidade, que são os Estados. Portanto, não podemos nos ater a miudezas da crença na Providência, e menos ainda à crença abstrata e indeterminada, que apenas quer generalizar, ou seja, supor que existe uma Providência, mas não para os fatos determinantes da mesma. (HEGEL, 1995, p.20).

Apesar da *providencia* religiosa ter aliviado a ânsia por esclarecimento, ela recorre a forças externas para saciar sua dúvida primeira. Se o universal, segundo Hegel, se encontra presente no particular, e sua razão constitui a busca por esclarecer sua própria existência, a *providência*, assim como a existência de Deus, em meio a lógica *hegeliana*, seriam fragmentos de um estágio do processo de esclarecimento humano e não sua resposta definitiva. Como Hegel mesmo afirmara na citação anterior: “não podemos nos ater a miudezas da crença na Providência, e menos ainda à crença abstrata e indeterminada, que apenas quer generalizar”.

A *providência* seria, seguindo a lógica do autor, mais uma tentativa, importante enquanto parte do processo, para não dizer essencial, mas ainda assim, parte do processo e não algo definitivo, ou como muitos tenderiam a aceitar: algo isolado, conclusivo em seu universo particular. Essa lógica remete apenas em dizer o ser enquanto ente, de certa maneira, justificando apenas aquilo que, nas palavras de Platão, corresponderia ao “aparente” e não ao ser, fim último o qual o filósofo busca revelar. A explicação do ser enquanto divindade, na lógica de Hegel, constitui apenas em dizer o ser manifesto enquanto dependente de um ser não manifesto (essência transcendente), parte importante do processo de esclarecimento, mas ainda assim distante de dizer a razão do ser enquanto ente particular.

A *providência*, assim como outras maneiras pelas quais a humanidade buscou dizer a razão de sua existência, seria parte de um complexo processo que culmina em uma lógica circular a qual podemos representar da seguinte maneira:



Assim entendemos a circularidade de Hegel (o ser é ente manifesto que busca dizer a si mesmo em última instância) esse é seu desígnio, caso contrário bastaria uma resposta simples e comum como os mitos, lendas e estórias, que saciavam momentaneamente a busca pelo auto-revelar do ser.

A exemplo da *providência*, Hegel nos alerta que tal tentativa de desvelar a verdade do universal também encontra-se inserida em um desígnio maior que move, de certa maneira a humanidade rumo ao esclarecimento dos mistérios da vida e de sua própria existência.

Não é fácil compreendermos o processo desenvolvido por Hegel referente ao movimento do espírito rumo ao esclarecimento último, o desvelar do universal no particular, sem supormos aí uma noção de progresso aplicado ao caminhar da humanidade. Pois, ao entendermos o caminhar da humanidade como um processo que reflete o anseio dos povos (nações, grupos, civilizações...) por esclarecer o mistério de tudo aquilo que o cerca, temos aí, ao menos teoricamente, uma espécie de “estrada” pela qual a humanidade trilha sua caminhada.

Essa estrada metafórica teria por fim o objetivo de nos esclarecer a verdade última referente ao ser dos inúmeros entes manifestos no mundo fenomênico. Mas como todo processo linear, a “estrada” seria enfim construída de acordo com o desenvolvimento da humanidade e de suas reflexões construídas em meio a tal processo. A cada passo revelando alguns mistérios e suprimindo a ânsia por respostas essenciais, tornando-se estável por um indeterminado período, para que futuramente venha a dar espaço a novas conclusões mais atualizadas acerca das mais variadas questões, substituindo e ultrapassando aquilo que por conseqüência ficaria registrado no passado como fragmento de um processo, mas efetivamente superado.

Os passos percorridos pela humanidade rumo ao esclarecimento refletiria a busca do espírito pelo universal, isto é, de uma verdade que, de maneira mais clara, revele a essência do Todo, aproximando o ente manifesto do absoluto do qual todos presentes no mundo fenomênico, independente do querer particular, fazem parte. Esse processo, segundo o autor, é possível de ser observado no discorrer da história da humanidade nas ações definitivas do Estado instituído, e não somente na ação do indivíduo enquanto tal. Pois o espírito que alcança uma nova etapa rumo ao esclarecimento, apesar de ser um fragmento do universal no particular (ente manifesto), independe do querer do indivíduo para se manifestar, ao contrário, o espírito é aquele que impulsiona a humanidade a uma nova etapa do esclarecimento.

Como uma força maior, aqui previamente citada enquanto desígnio, o espírito seria o impulso pelo qual a humanidade, mesmo desconhecendo seu *porquê*, moveria forças para estabelecer uma nova verdade que viria a substituir as velhas estruturas nas quais a humanidade até então vinha a se apoiar. Essa nova etapa da humanidade, segundo o autor, supriria a ânsia do espírito pelo esclarecimento que se faz real enquanto ação conjunta. O “espírito de um povo” ou de uma nação rumo ao esclarecimento é a manifestação dessa força maior atuante nos inúmeros indivíduos que constituem um grupo ou um Estado organizado.

A ação conjunta transforma a história da humanidade por refletir em suas ações a ânsia do espírito universal manifesto no particular, o qual impulsiona a humanidade a se desenvolver rumo a completude. Vejamos o que Rossano Pecoraro escreve:

[...] Hegel esclarece que o Estado exprime o “espírito do povo”, que, historicamente, a cada vez, dá-lhe forma. Nesse sentido, a filosofia da história pode dedicar-se *apenas* aos povos que, ao longo dos séculos, representaram um momento fundamental do progresso da humanidade regido por uma rigorosa lei de sucessão ideal: cada fase é realizada por um determinado povo que, uma vez esgotada a sua tarefa, fica relegado às margens do desenvolvimento sucessivo, cuja frente é tomada por um povo diferente e assim por diante. (PECORARO, 2009, p.38).

A lógica do processo histórico de Hegel justifica o desígnio do espírito que move a humanidade ao seu desenvolvimento pleno, sendo que um povo passaria a substituir outro na vanguarda do caminhar rumo ao esclarecimento de acordo com uma espécie de lei de sucessão, incompreensível a nós, mas real enquanto parte do progresso em ascensão. O movimento do espírito que impulsiona a humanidade ao pleno desenvolvimento rumo ao esclarecimento não encontraria barreiras éticas ou tão pouco morais para atingir seus objetivos, passo que, muitas dessas transformações, ainda que

iluminadas pela busca pelo esclarecimento, acabaram por promover verdadeiros massacres em meio ao processo histórico, dito parte do progresso da humanidade. Assim escreve o autor:

O único pensamento que a filosofia aporta é a contemplação da história; é a simples idéia de que a razão governa o mundo, e que, portanto, a história universal é também um processo racional. Essa convicção, essa idéia, é uma “pressuposição” em relação à história como tal; na filosofia, isso não é um pressuposto. (HEGEL, 1995, p.17).

Mesmo que a racionalidade humana “pressuponha” mover a história da humanidade, o espírito, segundo a lógica do autor, é aquele que a impulsiona rumo ao seu desenvolvimento. Ainda que possa parecer cruel, frente a inúmeras fatalidades vividas por igualmente inúmeras nações no discorrer daquilo que comumente adotamos como a história da humanidade, não caberia aqui qualquer julgamento moral frente aos eventos que, por ventura dizimaram nações, culturas ou formas alternativas de se pensar o mundo, como de fato ocorrera, pois os indivíduos, membros integrantes das muitas nações que superaram outras, mesmo através da guerra e da violência, apenas refletiam em seus atos, o desígnio que os cabia no processo do progresso rumo ao esclarecimento.

Apesar da aparente frieza com a qual tratamos aqui o desígnio dos povos que, em suas respectivas particularidades sofreram com o marchar do progresso do espírito, Hegel exalta que, inevitavelmente, os mesmos também estariam, por consequência, agindo conforme seu desígnio, isto é, assumindo seu papel na história enquanto um degrau para a ascensão alheia (progresso).

2. A DIALÉTICA E O PROGRESSO HISTÓRICO DE HEGEL

O desígnio que impulsiona a humanidade a buscar esclarecer o mistério de sua existência, como já fora apresentado no discorrer do presente trabalho, não corresponde a um processo simples ou tão pouco reflete um princípio ideologicamente pacífico ou não-violento, de certa maneira idealizando o processo histórico vivido pela humanidade. Hegel, ao tratar do processo histórico vivido pela humanidade nos expõe a sua teoria de que tal processo reflete a ânsia do espírito em desvelar a verdade do todo universal possível de ser observado no ente particular presente no mundo fenomênico. Apesar do processo percorrido pelo autor ser por deveras especulativo (crença em um desígnio universal que impulsiona o ente manifesto), sua análise da história da humanidade

constitui em uma importante leitura desse grande e complexo processo até então tido como um mistério abandonado ao acaso por muitos de seus contemporâneos.

Para Hegel, a história da humanidade não constitui de maneira alguma um processo que reflete em seu escopo o acaso de um desenvolvimento desprezível. Como já fora apresentado no presente trabalho, o processo histórico vivido pela humanidade reflete em seu âmago a busca pelo esclarecimento impulsionado pelo espírito manifesto. A ânsia por esclarecimento, segundo a lógica apresentada pelo autor, nos revela uma linearidade histórica objetiva em contraponto ao acaso com o qual muitos acabam por adotá-la.

O complexo sistema *hegeliano* que acaba por atribuir ao espírito a força que impulsiona o desenrolar do processo histórico vivido pela humanidade desde os primórdios até a contemporaneidade nos revela a razão pela qual a humanidade passara por inúmeros eventos em meio ao complexo de sua existência. As guerras, os massacres, as revoluções, as imposições, os debates, os questionamentos, o mito, a religião, a fé, a filosofia, a ciência, todos esses e outros mais eventos que moveram a humanidade em inúmeros períodos diversos, quando submetidos ao processo do desenvolvimento do espírito que anseia por esclarecimento, passam a serem entendidos, não como fragmentos isolados – lamentáveis em certos momentos e exaltados em outros –, e sim, como necessários enquanto parte do processo do esclarecimento humano.

Dessa maneira, o autor acaba por descrever a história da humanidade como um processo linear, onde cada evento que a constitui seria, por consequência, algo necessário para que o fim objetivado pelo espírito fosse atingido em toda sua magnitude. Pois “a natureza infinita do espírito é o processo dele em si, não para repousar essencialmente para produzir-se e existir pela sua produção.” (HEGEL, 1983, p.32).

Para tanto, o autor nos convida a observar a história da humanidade não como fragmentos isolados que descreve cada qual o processo histórico/científico/político/cultural de povos independentes uns dos outros, mas sim, nos instiga a pensar a humanidade como um todo que percorre um mesmo objetivo maior impulsionado pelo espírito universal: o esclarecimento. Dessa maneira, e igualmente, para incorporar a lógica do espírito que anseia pelo esclarecimento, segundo Hegel, a história, necessariamente, teria de ser entendida como linear e, ao

mesmo tempo, passo-a-passo, evoluindo conforme o trilhar de seu desenvolvimento, algo que passaremos a abordar aqui como “progresso”. Vejamos as palavras do filósofo:

Podemos conceber mais exatamente este movimento como *desenvolvimento*. (Como evolução). O concreto, enquanto atividade, está essencialmente desenvolvendo-se. Existe uma diferença no interior e quando compreendemos diretamente a determinação das diferenças que aparecem – e em todo processo surge necessariamente outra coisa – então se destacam, ainda que nos mantenhamos somente na conhecida representação de evolução. (HEGEL, 1983, p.32).

Assim, para compreendermos a manifestação da lógica do sistema *hegeliano* no mundo fenomênico, é necessário adotarmos a humanidade como um todo complexo que discorre seu caminhar em uma linearidade, segundo o autor, rumo a um fim objetivo. Esse “caminho” linear é igualmente ascendente, pois o fim objetivado pelo ser enquanto ente manifesto (espírito) é o esclarecimento pleno do Todo (universal) presente no particular. Esse objetivo resulta, por conseqüência no desenvolvimento das mais inúmeras civilizações, em suas respectivas particularidades, mas em uma concepção global, reflete o caminhar do progresso da humanidade: sua evolução.

A lógica apresentada por Hegel nos instiga a observar a história da humanidade como um complexo que teria por fim um mesmo fim objetivado. Sinteticamente, o todo que compõe o desenvolvimento histórico/científico/político/cultural da humanidade em sua plenitude acabaria por ser suprimido a um fim universal comum: sua evolução rumo ao esclarecimento, impulsionado pelo espírito que anseia revelar-se (dizer a si mesmo).

Aqui então chegamos a um entendimento daquilo que constitui a história da humanidade para G. W. F. Hegel. Segundo a lógica do pensamento do autor, a história da humanidade só poderia ser entendida enquanto processo linear composta por uma sucessão de eventos encadeados uns aos outros os quais, isoladamente analisados revelariam fatos cristalizados da história, mas quando universalizados, acabariam por revelar serem eles fragmentos necessários do progresso histórico da humanidade como um todo. Necessários enquanto contestação de situações anteriores, em uma segunda etapa, enquanto situação estabilizada para o despertar de novos questionamentos e, posteriormente, enquanto parte a ser superada pelo novo.

Essa linearidade histórica é para Hegel a maneira pela qual todos deveríamos observar a história da humanidade visto que, assim, nos seria possível, perceber aí o progresso do espírito em seu pleno processo de esclarecimento. Ao entendermos a

história da humanidade como um processo único e universal, temos linearmente datado os passos pelos quais o espírito trilhou a sua ascensão rumo ao esclarecimento pleno, possível de ser observado na clara divisão atual da história da humanidade: Da pré-história ou período arcaico a antiguidade, do antigo ao medievo, do medieval a renascença, do renascimento à modernidade e, já posterior a Hegel, da modernidade a contemporaneidade ou pós-modernidade.

Mesmo que cada período tenha claramente suas respectivas características, ao observarmos tais períodos elencados uns aos outros, isto é, cada qual com seu respectivo na datação histórica, formando assim uma “corrente” de eventos linear, nos é possível perceber aí, segundo a perspectiva do autor, uma clara cadeia de eventos que correspondem a um constante desenvolvimento progressivo da humanidade refletido em sua racionalidade. O esclarecimento dos mistérios do Todo (universal) se dá progressivamente datado e linearmente elencado com eventos anteriores, como uma constante relação de ação e reação, ascensão e superação rumo a evolução, a um crescimento onde cada etapa constitui um “degrau” necessário para a efetivação do esclarecimento ambicionado pelo espírito que move a humanidade.

Hegel, influenciado pelos ideais iluministas de sua época, descreve o processo histórico vivido pela humanidade como o nascer e o por do sol, um ciclo que viria com a aurora do leste oriental, teria seu auge na Grécia/Egito e culminaria em seu crepúsculo no apogeu da Europa ocidental. Sua descrição do processo histórico se dá de forma alegórica da seguinte maneira:

O Sol – a luz – nasce no Oriente. Porém a luz é uma simples referência universal a si mesma; ela existe, ao mesmo tempo, como uma individualidade, no Sol. Muitas vezes já se descreveu a cena: se um cego passasse de repente a enxergar, e olhasse a alvorada, veria a luz do Sol nascente; o esquecimento infinito de si mesmo nessa pura claridade seria o primeiro fato, a admiração total. Mas o Sol levanta-se e essa admiração diminui. Observa-se os objetos ao redor: deles advém um crescimento interior, e com isso se desenvolve o progresso com relação de ambos. Aí, o homem parte da observação passiva para a ação; à noite, já construiu um edifício, que criou de seu sol interior. Quando, à noite, ele o olha, considera-o maior que o primeiro sol exterior, pois agora ele se relaciona com seu espírito em livre relação. Guardemos essa imagem, pois aí está o decurso da história universal, grande jornada do espírito. (HEGEL, 1995, p.93).

Ainda que para o autor a “história universal vai do leste para o oeste, pois a Europa é o fim da história universal, e a Ásia é o começo” (HEGEL, 1995, p.93), o processo do desenvolvimento do saber humano não encontra seu fim na Europa de

Hegel se levarmos em consideração o processo de desenvolvimento histórico da humanidade; enquanto linearidade histórica datada, mesmo que essa tenha sido idealizada pelo autor, o processo de desenvolvimento do espírito transcende o fim idealizado por Hegel e, até a contemporaneidade, nos é possível observar o desencadeamento do processo do esclarecimento rumo a sua ascensão plena para além da modernidade iluminista vivida pelo filósofo. Mesmo assim, não nos seria argumento suficiente afirmar a falácia de sua lógica pelo simples fato deste idealizar a Europa como o apogeu do espírito e ascensão plena do seu esclarecimento, compreensível pela exaltação do iluminismo em pleno “fervor” que encontra claros reflexos no discurso erigido pelo autor, apenas uma gafe movida pelo espírito de uma época da qual o mesmo acabou por ser vitimado.

Referindo a analogia apresentada na última longa citação de Hegel, nos é possível compreender que a sucessão de eventos históricos quando vistos de forma linear acabaria por levar a todos a um estado de espanto, a um primeiro momento e igualmente, despertaria uma tamanha admiração frente a tal magnitude e complexa arquitetura do processo do espírito, algo que estaria para além de nossa compreensão. Mas, como o autor mesmo nos descreve em sua alegoria representativa, ao chegarmos no crepúsculo, entenderíamos nosso papel enquanto parte dessa “grande jornada do espírito” e, por conseqüência, seríamos impulsionados pelo mesmo a agirmos cada qual com o nosso desígnio rumo ao progresso, ou melhor, rumo a evolução.

Mesmo que logicamente possamos entender o progresso como um processo linear de ascensão do espírito rumo ao seu pleno desenvolvimento, algo nomeado pelo autor como a “jornada do espírito”, não nos é possível abandonar uma questão latente presente em meio a toda sua lógica histórica: *Qual o papel daquele que perece frente a força da evolução do espírito em ascensão? Isto é, a evolução do espírito justificaria o massacre e o extermínio de inúmeras civilizações/culturas visto que seu fim é por deveras maior?*

Em Hegel a possibilidade da verdade é orientada pelo princípio da razão humana, que segundo o autor, impulsionaria a humanidade a um processo de “melhoramento”, ou desenvolvimento de suas potencialidades ilustrado pela insaciável busca pelo saber, também entendido como princípio libertador de um estado de ignorância. Para o autor a busca por esclarecimento compreende em seu conjunto o impulso natural do ser humano por “conhecimento” movido pelo espírito manifesto, possível de ser observado na “natural” evolução das inúmeras civilizações/culturas que

refletem em sua história o claro processo evolutivo orientado pelo princípio do progresso.

Para o autor, o processo de desenvolvimento das civilizações/culturas rumo a efetivação máxima do progresso – força essa que impulsionaria a humanidade como um todo – se daria concretamente através dos conflitos entre opostos, podendo ser entendido como o processo da guerra ou da discussão. Segundo Hegel, o conflito é o estado de transformação, pois dele sempre ressaltará uma nova idéia sintética resultante do embate entre os opostos, visto que, através do processo de conflito, ambos os “lados” envolvidos acabariam por “crescerem” mutuamente, sendo o resultante “excluído”, portanto, esquecido e abandonado na história, parte do conjunto de idéias, culturas e teorias superadas pela nova estrutura do pensar mais esclarecido e igualmente, mais racional. Esse processo é claramente observado quando aplicamos o princípio do progresso à divisão da história da humanidade: do período antigo ao medieval, do medieval ao moderno e do moderno ao contemporâneo, onde claramente, segundo a lógica do progresso *hegeliano*, observamos o desenvolvimento da ciência, da matemática e inclusive da filosofia, pois cabe lembrar que tal lógica é orientada por um princípio racional: a busca por esclarecimento (libertação do estado de ignorância). Assim escreve o autor:

[...] a história universal representa a evolução da consciência do espírito no tocante à sua liberdade e a realização efetiva de tal consciência. A evolução traz consigo gradação crescente, uma série de determinações mais amplas da liberdade que decorrem do conceito do objeto: a natureza lógica e, principalmente, dialética do conceito que se autodetermina, que cria determinações e as supera, e, mediante essa superação, ganha uma característica afirmativa, até mesmo mais rica e mais concreta. (HEGEL, 1995, p.60).

Frente a essa problemática o autor nos revela o processo pelo qual a humanidade discorre a sua história. Esse processo, segundo Hegel é um processo de constante conflito onde opostos, em determinados momentos da história tendem a se conflitar gerando assim um espaço propício para que o novo venha a ressaltar como decorrência sintética estabelecendo assim um novo estado do desenvolvimento do espírito rumo ao esclarecimento. Esse processo, segundo o autor é nomeado de *dialética*, onde do conflito entre opostos, a síntese ressalta como o novo composto de ambos, mas ainda assim mais esclarecido.

Enfim, podemos entender que a dialética especulativa de Hegel trilha o caminho do progresso orientado pela razão superior que impulsiona a humanidade a esclarecer e

superar as estruturas sociopolítico-econômicas e igualmente filosóficas que não mais refletem em seu âmago as ânsias do “espírito” de uma determinada época. Do conflito dialético (seja entre civilizações ou idéias) a síntese culminante acabaria por refletir em seu conteúdo a lógica do esclarecimento libertador de um estado não mais satisfatório para algo “mais rico e mais concreto”.

A dialética é basicamente constituída de uma tese (determinada situação histórica) que se antepõe a uma antítese (contida na própria tese) que gera uma síntese diversa das partes que a originara, mas que ainda assim, carrega em si, fragmentos essenciais dos compostos que o antecederam. Assim a dialética não corresponde a um processo destrutivo onde um supera o outro em um conflito, pelo contrário, existe aí uma espécie de “fundição” onde o que deve perecer são as “impurezas” que mantinham ambas posições conflitantes em atraso, tendo assim, como material resultante, apenas o “melhor” de ambos; devido a isso nomeado síntese.

O processo histórico linear assim refletiria em seu âmago uma lógica dialética para que o esclarecimento do espírito rumo ao absoluto seja possível de ser concretizado. Diferente do que se possa pensar, a dialética ainda assim não seria por princípio um processo excludente em sua fundamentação básica, pelo contrário, seu fim constitui no desenvolvimento pleno do espírito; para tanto, a síntese entre opostos se faz necessário.

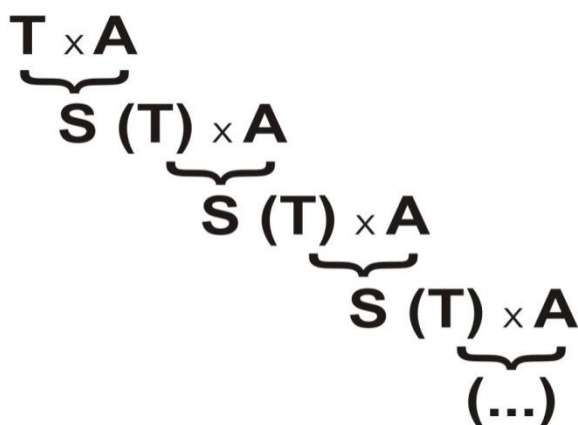
Para que seja possível a síntese entre opostos, o conflito se torna algo inevitável. Ora, como já fora dito no capítulo anterior, diante ao processo do progresso histórico não cabe qualquer julgamento moral, pois os mesmos seriam fundados em uma lógica temporal e relativos a situação vigente, assim aquele que perecer em meio ao desenvolvimento dialético do processo histórico da humanidade seria parte necessária, enquanto oposto superado pelo novo sintético. O excluído ficaria enquanto “idéia” abandonada, mas necessário enquanto degrau para que resultantes esclarecedores e *superadores* do mesmo viessem a despontar na vanguarda da história da humanidade, permitindo assim o pleno desenvolvimento do espírito rumo a sua evolução.

Com fins de melhor expor e exemplificar o processo dialético apresentado por Hegel, tomemos como exemplo a seguinte situação: Em determinado período da história da humanidade "o homem é escravo", entretanto, a própria "idéia" de homem concebe a liberdade e se antepõe à escravidão. Homem e escravidão entram em conflito em meio ao complexo processo histórico, e assim o homem acaba por deixar de ser escravo e o espírito ganha consciência de sua própria situação, escrevendo assim uma

nova fase histórica da humanidade. Assim Tese e Antítese se antepõe para que a Síntese desponte como uma nova etapa do esclarecimento do espírito. Vejamos o que escreve Francisco Nóbrega:

Nenhuma realidade, portanto, existe, que esteja isenta deste movimento dialético, desta luta de opostos. Fixemos mais a atenção na dialética hegeliana: uma dialética não é um movimento simples. É composta de várias unidades que ele denomina de Tese, Antítese e Síntese, ou, mais freqüentemente, Afirmação, Negação e Negação da Negação. (NÓBREGA, 2005, p.43).

Assim a dialética constitui o cerne do processo histórico da humanidade segundo a filosofia de Hegel, nos sendo possível aqui, para fins de um melhor entendimento, “[...] representar graficamente o movimento dialético de Hegel no modelo a seguir em que cada Síntese é por sua vez transformada na Tese de nova tríade, enquanto se defronta com nova negação, Antítese.” (NÓBREGA, 2005, p.45-46).



Não distante do exemplo citado no capítulo anterior, a dialética histórica que corresponde ao progresso do espírito acaba por refletir em seu âmago uma espécie de providência, não no sentido cristão, mas em uma conscientização da mesma de maneira laica sobre a qual, as ações humanas acabam por serem orientadas, independente da resistência individual ou da consciência particular. O espírito como força maior imporia no sujeito um desígnio maior que o moveria a cumprir o fim objetivado pelo mesmo: seu esclarecimento (dizer a si mesmo ou seu auto-revelar).

3. Adorno e o esclarecimento moderno

Seguindo a linha de raciocínio defendida pela ótica crítica de Theodor Adorno, o mundo moderno e capitalista apresenta em sua evolução um inequívoco processo de

degradação (ou regressão) intelectual, como reflexo do fracasso e da transformação sofrida pela razão “esclarecida”. O *Iluminismo*, é verdade, tinha como objetivo promover a desmistificação das antigas crenças que mantinham a civilização em situação de atraso diante das possibilidades do uso pleno da razão, do conhecimento, da técnica, enfim, da evolução científica.

Essa pretensa idéia de “esclarecimento” iluminou a mente das mais diversas culturas a partir do Século XVIII, buscando na racionalidade toda a esperança de um “elevar” intelectual, construindo um mundo de certezas científicas e avanços tecnológicos, inteligente e crítico. O poder do “saber” seria utilizado em benefício da civilização; o conhecimento seria capaz de manipular a realidade em prol de um bem maior: a evolução do ser humano, sua autonomia, sua libertação.

A *razão iluminista*, algo arrogante e igualmente ingênua, não tardaria a se igualar aos mitos que pretendia combater. Sua utopia não resiste ao andamento histórico da humanidade, segundo a crítica radical do filósofo frankfurtiano, e a razão iluminista, acabaria por converter-se em um trágico engodo, traindo seus mais claros objetivos.

Observando o processo histórico referente a pretensão *iluminista*, Adorno identificou aquilo que ele afirmaria ser um engodo intelectual. De uma razão esclarecida, o homem passaria a ser o “senhor” e, paradoxalmente, o escravo de uma chamada *razão instrumental*, onde o indivíduo acabaria por perder o discernimento crítico, vendo embotar os pressupostos postulados pelo ideal até então proposto, em uma racionalidade que, entretanto, permaneceria legitimada por sua gênese *iluminista*.

Assim, o *esclarecimento*, segundo o autor, resultou em uma armadilha que, por conseqüência, levou o homem a sua própria dominação. O vício gerado por este “saber”, assegurado por métodos e planejamentos cada vez mais racionalizados e científicos, contaminou gradativamente todas as esferas da vida social, dos círculos militares e armamentistas às empresas de administração, passando pela pesquisa científica, por todas as formas de desenvolvimento tecnológico, sempre absolutas na burocracia das sociedades (politicamente ditas “democráticas” ou assumidamente totalitárias e ditatoriais) e, finalmente, presentes nas manifestações artísticas e culturais destas mesmas sociedades, cada vez mais industrializadas e tecnologicamente desenvolvidas.

As sociedades modernas, alienadas por um esclarecimento deturpado, caminhariam decididas para a instrumentalização de seu saber, num modelo de racionalização que teria por princípio, o objetivo de padronizar o estilo de vida à sua

volta. A hegemonia moderna do sistema capitalista, vitorioso e em processo galopante de expansão e fortalecimento, imersa em uma racionalidade mecanicista pouco flexível, reproduz uma concepção discutível de liberdade e individualidade na qual cada um possuiria a chance de se tornar “rico”, tendo seus direitos assegurados por uma gama de leis que regem esta dita “liberdade”, materializada em frágeis e contraditórias “democracias”. Como que voluntariamente integradas ao sistema, a massa passaria a ser “receptora” de sua própria enganação, consumindo repetições diárias dos produtos da *Indústria Cultural*, a qual, por sua vez, seria a responsável por manter a sociedade alienada e - nas palavras de Adorno -, conformista (sem grandes esforços devido à aceitação voluntária de seus membros submetidos aos inúmeros métodos de convencimento social).

Nesse grande sistema, os produtos acabariam por atingir o indivíduo, mesmo havendo focos de resistência. O sujeito, ainda que “resistente” ao consumo programado, por sua vez, ao “escapar” das amarras sociais, inevitavelmente se encontraria consumindo outro produto desta mesma indústria. Cercado por todos os lados, a fuga se torna impossível, e apenas o entretenimento aparentaria ser o alívio deste círculo de manipulação gerada e consentida pelo próprio homem, cada vez mais identificado com o capitalismo e seu braço cultural: a *Indústria de bens simbólicos*. O entretenimento traz ao povo a (falsa) fuga diária do maniqueísmo vivido da rotina exigida. Mas, onde prioritariamente o descanso imperaria, a *Indústria Cultural* atua vendendo seus produtos e seus valores, capturando o indivíduo numa total integração, necessária, aliás, para não ser expulso da sociedade administrada pelas “pessoas de bem”.

O *Esclarecimento* se coloca para a humanidade como uma busca incessante por uma racionalidade idealizada: uma lógica que visa expandir a consciência do homem, resgatando um pensamento menos dogmático e mais científico, capaz de apreender e enfrentar a realidade da sociedade e do mundo moderno. Assim escrevem Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*: “No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores” (Adorno; Horkheimer, 1985, p.19).

Eis a pretensão do homem em desmistificar seus mitos (deuses, demônios, entidades, etc.): “(...) dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber” (Adorno; Horkheimer, 1985, p.19). Acreditando que tal desmistificação seria o caminho seguro para o alçar de uma nova era, a humanidade acabaria por naufragar diante a sistematização da qual fora responsável, isto é, tornando-se senhores de sua própria

escravidão, em vias de desenvolver sistemas, cada vez mais eficazes, privilegiando a ordenação e o controle social. Os mesmos homens que perseguiram a vivência de um ápice do conhecimento em nome de uma *instrumentalização* mecanicista da sociedade como um todo, estariam prestes a se depararem com uma dura realidade: o *poder* gerado pelo saber.

Segundo Adorno, a humanidade não se daria conta de que os mitos combatidos e derrotados, caídos como vítimas do *esclarecimento*, já eram produtos do próprio *esclarecimento*, pois o mito “(...) queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar” (Adorno; Horkheimer, 1985, p.23), tendo os mesmos objetivos que o *esclarecimento* perseguiria séculos depois. Afastando o homem de sua natureza e valorizando apenas as ciências e o “número” como verdades absolutas para se atingir a sabedoria, o *Esclarecimento* converteu-se numa armadilha: o homem tornou-se escravo de sua própria criação. Visto que “(...) a super-desenvolvida ciência (...), ao invés de extirpar de vez a credence e a superposição, acabou engendrando uma nova mitologia” (Duarte, 2002, p.09).

Buscando a aversão ao ilusório, ao mito, às crenças de sua natureza, o homem tornou real, por consequência de seus atos, a premissa de que “poder e conhecimento são sinônimos”. Já que “(...) a superioridade do homem está no saber” (Adorno; Horkheimer, 1985, p.19-20), sendo assim, este, imagina-se soberano ao criar e difundir a lógica do pensar, quebrando barreiras e atingindo novos limites, deslumbrado com a nova era de “luzes”, perdendo-se em sua própria ilusão.

O homem esclarecido, valorizando seu conhecimento, assim como sua capacidade de pensar, pode desenvolver sua ousada meta: alcançar a superioridade pelo *saber*, pois nele “(...) muitas coisas estão guardadas que os reis, com todos os seus tesouros, não podem comprar sobre as quais sua vontade não impera, das quais seus espias e informantes nenhuma notícia trazem” (Adorno; Horkheimer, 1985, p.19). A mente do homem e seus pensamentos não podem nunca ser invadidos por forças quaisquer, independentes da pressão sofrida, a mente é individual e só se coloca a serviço do homem, sendo este seu poder.

“O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo” (Adorno; Horkheimer, 1985, p.20). Ressalta-se, entretanto que, esse saber convertido em poder, cuja essência é a *técnica* – esta a serviço de todos os fins da economia burguesa, “na fábrica e no campo de batalha”. Presta-se a empresários e comerciantes.

Assim a natureza humana levou o entendimento e/ou a mentalidade gerada através do esclarecimento a um processo de dominação de tudo aquilo que existe a sua volta. Adorno e Horkheimer concluem em sua obra:

O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.20).

No anseio pela desmitologização, o número tornou-se o “cânon” do esclarecimento. O homem buscou dominar o mundo à sua volta, conseqüentemente, dominando a si mesmo, submetendo assim, suas conclusões e sua subjetividade a ciência. Para o *esclarecimento*, “(...) aquilo que não se reduz a números e, por fim, ao uno, passa a ser ilusão” (Adorno; Horkheimer, 1985, p.23). Desta forma, o pensamento do homem esclarecido se dá ao intuir que, “(...) a matéria deve ser dominada sem o recurso ilusório a forças soberanas ou imanentes, sem a ilusão de qualidades ocultas. O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento” (Adorno; Horkheimer, 1985, p.21).

Com tal pensamento, o homem deixou de admitir o ilusório, tornando-se lógico e centrado, buscando aprender e conhecer aquilo que fosse capaz de explicar através de seu sistema lógico e metodológico. Assim “o despertar do sujeito tem por preço o reconhecimento do poder como o princípio de todas as relações” (Duarte, 2002, p.55). Ocorre que o *esclarecimento* “(...) comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los”. (Adorno; Horkheimer, 1985, p.24). Que ninguém tenha dúvida: tal como se desenvolve na civilização ocidental, “o esclarecimento é totalitário”.

4. Conclusão

Para Adorno a idéia de progresso presente na filosofia de Hegel revela um verdadeiro problema enquanto diagnóstico daquilo que de fato ocorre no desenrolar da história da humanidade. Sua concepção de Esclarecimento promovido pelo movimento Iluminista nos revela uma necessidade de revermos a importância do negativo enquanto parte fragmentária do processo dialético tão apontado por Hegel quanto algo essencial para o desenrolar do movimento Dialético.

Para o autor o processo do Esclarecimento moderno, como visto no discorrer do presente artigo, de certa maneira nega tudo aquilo que se contrapõe ao novo modelo do conhecimento instituído pelos membros integrantes dessa “nova” corrente de pensamento ascendente chamado de Iluminismo. A proposta de ascensão do pensamento iluminista por sua vez negaria tudo aquilo que, enquanto processo dialético, poria em conflito o desenvolvimento do grande movimento. A negação do negativo passa a ser a grande crítica de Adorno ao sistema dialético de G. W. F. Hegel pois o mesmo pressupõe algo que de fato não ocorre.

O conflito idealizado por Hegel para o desabrochar de uma síntese encontra barreiras na dinâmica moderna onde a negação acaba por ser suprimida diante a afirmação positivada da tese que, segundo Adorno, não poupa meios para instituir uma estabilidade daquilo que lhe convém, isto é, do ideal Iluminista inabalado, sendo assim, negando e privando todo e qualquer movimento dialético. O Autor assim escreve:

O esforço implícito no conceito do próprio pensamento, como contraparte a intuição passiva, já é negativo, uma rebelião contra a pretensão de todo elemento imediato de que é preciso se curvar a ele. Juízo e conclusão, as formas de pensamento que mesmo a crítica não consegue evitar, contêm em si germes crítico; sua determinação é sempre ao mesmo tempo exclusão daquilo que não é por eles alcançado, e a verdade que querem organizar nega, ainda que com um direito questionável, aquilo que não é cunhado por eles. (ADORNO, 2009, p.25).

Esse processo de exclusão do diferente abalaria a estabilidade do processo dialético proposto por Hegel. Mas não é a negação da dialética aquilo objetivado pelo autor, mas sim sua revisão, pois para este, a dialética é sim o processo pelo qual o conhecimento se transforma, sendo necessário para tanto o resgate do contraponto tão negado pelas estruturas do conhecimento oriundas do Iluminismo moderno, que, como já afirmara o autor: “nega tudo aquilo que não é cunhado por eles”.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Dialética negativa**. Trad. Marco Antonio Casanova. 1ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

HEGEL, Georg W. F. **Filosofia da história**. Trad. Maria Rodrigues & Hans Harden. Brasília: UNB, 1995.

_____. **Introdução à história da filosofia**. Trad. Euclidy Carneiro da Silva. São Paulo: Hemus, 1983.

NÓBREGA, Francisco Pereira. **Compreender Hegel**. Petrópolis: Vozes, 2005.

PECORARO, Rossano. **Filosofia da história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.